

VLADIMIR CAPELLA

AVOAR

Letras & Letras®

© Editora Letras & Letras, 2001

Equipe de Realização

Editor: Carlos José Linardi
Supervisão Gráfica: Waldenes Ferreira Japyassú Filho
Supervisão Editorial: Carlos Alberto Carmignani Linardi
Revisão: Antônio Orzari - Peppino D'Ardis
Capa: Freddy Galan

Ficha Catalográfica

CAPELLA, WLADIMIR – São Paulo:
Editora Letras & Letras, 2001

Bibliografia
ISBN 85-85387-98-X

1. Literatura Infanto-Juvenil
2. Teatro Infanto-Juvenil

Letras & Letras®

Atendimento ao consumidor:
Av. Ceci, 1945 - Planalto Paulista
Fone: (0xx11) 577-5746 / 5594-2132 / 5581-2183
Fax: (0xx11) 5594-2111
Cep 04065-003 - São Paulo - SP
e-mail: letras@uol.com.br
site: www.letraseletras.com.br

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial
desta obra sem a autorização do editor.

Avoar foi o jeito urbano que encontrei de trazer de volta as velhas noites de lua, as cadeiras nas calçadas e a rua onde a gente brincava ao som de cantigas de roda. Um jeito de recuperá-las, coligá-las e documentá-las. E será, espero, um modo de cantá-las e espalhá-las por todas as cidades, até descobrir onde a lua se esconde. E fazê-la voltar: se não por cima dos prédios, pra dentro deles. Mantê-la presente: nos olhos, entre as pessoas, no coração.

Vladimir Capella

Cena 1 – Avoar

Luz em resistência baixa.

Cenário: prédios e prédios.

Som (em off) de carros, buzinas, corre-corre, sirenes, multidão, telefones e etc... invade o ambiente todo.

Aos poucos, mixado na fita, ouve-se vozes de crianças, como que num quintal, brincando de roda. Elas cantam uma velha cantiga:

Por mim não, borboleta

Você pode avoar...

Por mim não, borboleta

Você pode avoar...

O som da cantiga de roda vai crescendo e dominando o som anterior, enquanto os atores vão aparecendo em cena, surgindo por entre os prédios, como que atraídos, hipnotizados pela música singela (lembrança de um tempo perdido na memória).

Vestem algo impessoal, frio ou sem cor.

Foco em Jô, num canto do palco.

Jô – *(canta)* Eu tenho, mamãe, eu tenho
saudades que não tem fim
do tempo que eu era pobre
e não me vestia assim...

Maria – *(junto)* Eu tenho, mamãe, eu tenho
saudades que não tem fim
do tempo que eu era pobre
e não me vestia assim...

E assim, sucessivamente, vão entrando outros, até todos estarem cantando.

A música começa somente em acordes e vai crescendo à medida que eles forem entrando.

Na última vez ela acontece num clima de festa onde todos arrancam as roupas que usam e trocam-nas por trapos, panos e tudo mais que se criar coloridamente. Todos pulam, dançam, brincam e cantam.

Pedro – (pulando para um plano qualquer mais alto)
Boca de forno!

Todos – Forno!

Pedro – Tirar um bolo!

Todos – Bolo!

Pedro – Fareis tudo o que o mestre mandar?

Todos – Faremos todos com muito gosto!

Pedro – Eu mando que me tragam... UMA PEDRA, UM PAU E UM... LIMÃO!!!

Todos correm. O primeiro que chegar com os três pedidos toma o lugar do mestre.

Tereza – Boca de forno!

Todos – Forno!

Tereza – Tirar um bolo!

Todos – Bolo!

Tereza – Fareis tudo o que o mestre mandar?

Todos – Faremos com muito gosto!

Tereza – Eu mando que me tragam...

Todos já estão quase correndo.

Tereza – UM BEIJO, UM ABRAÇO E UM APERTO DE MÃO!!!

Todos correm.

O primeiro que voltar e cumprir a tarefa toma o lugar do mestre.

João – Boca de forno!

Todos – Forno!

João – Tirar um bolo!

Todos – Bolo!

João – Fareis tudo o que o mestre mandar?

Todos – Faremos todos com muito gosto!

João – Eu mando que me tragam... UMA LUA, UMA PALMEIRA E UMA CANÇÃO!!!

Todos correm e param. Pausa. Entra música instrumental no fundo: “Morena, morena”.

Cena 2 – O barco

Os atores vão voltando aos seus lugares. Tristes. Tipo acabou a brincadeira. Sentam-se espalhados pelo chão e se maquiam uns aos outros: uma florzinha, um coração, coisas pequenas. A música altera-se e todos se juntam cantando baixinho e depois aumentando:

Mamãe eu vou

Mamãe eu vou buscar

a canoinha nova pra sair no mar...

Mamãe eu vou

Mamãe eu vou buscar

a canoinha nova pra sair no mar...

E começam, durante a canção, a construção de um grande barco que, como sugestão, deveria ser feito com os prédios. Enfeitam-no com guirlandas e flores. No final da música todos esta-

rão prontos para partir, com exceção de Maria que ficou do lado de fora. Foi apanhar flores.

- Maria** – *(chegando)* Ei! ei! Posso entrar?
Paulo – Pêra, uva ou maçã?
Maria – Pêra!
Todos – *(fazendo “não” com a cabeça e som labial)*
Maria – Posso entrar?
Jô – Pêra, uva ou maçã?
Maria – Uva!
Todos – *(idem ao anterior)*
Maria – Posso ou não posso?
Rosa – Pêra, uva ou maçã?
Maria – Maçã eu não gosto! Nem vem...
Todos – Pêra, uva ou maçã?!
Maria – Já falei que maçã eu não gosto! *(senta-se no chão, num canto, não dando o braço a torcer)*

Entra música.

- Maria** – *(canta)*
Ao passar o barco
me disse o barqueiro:
João – Menina bonita não paga dinheiro.
Todos – Ao passar o barco me disse o barqueiro:
Menina bonita não paga dinheiro!
Maria – Eu não sou bonita
e nem quero ser.
Eu tenho dinheiro
e pago a você!

- Todos** – Dinheiro eu não quero.
Nem hei de querer.
Eu tenho este barco
Dinheiro pra quê?
- Maria** – *(falando enquanto música continua no fundo)*
Ora, pra quê? Pra... pra comprar mais dinheiro,
pra comprar outro barco!
- Todos** – Outro barco eu não quero.
Nem hei de querer.
Eu tenho este barco
Outro barco pra quê?
- Maria** – Pra quê?! Pra carregar mais gente, pra ganhar
mais dinheiro, pra comprar mais dinheiro, ora!
- Todos** – Ao passar o barco
me disse o barqueiro:
Menina bonita não paga dinheiro!
- Maria** – Eu não sou bonita
e nem quero ser.
Eu trago estas flores
e dou pra vocês!

E todos a chamam para dentro do barco.

Cena 3 – No meio do mar

- Teresa** – *(canta)*
Zum zum zum
Lá no meio do mar...
Zum zum zum
Lá no meio do mar...

Todos – É o vento que nos atrasa.
é o mar que nos atrapalha
para no porto chegar!
Zum zum zum
lá no meio do mar...
Zum zum zum
lá no meio do mar!

Simulam uma viagem em alto mar: o vento, a brisa...

Enquanto todos cantam, um dos atores vem para a frente do barco, senta-se e diz os versos seguintes, como se contasse uma história.

Pedro – Era uma vez um barquinho pequenino, navegava sem destino rumo à felicidade.
O barquinho navegava bem ligeiro, não levava passageiro e seu nome era saudade.
Pobrezinho do barquinho pequenino que no vai-e-vem do mar não sabia onde ia parar.
Coitadinho do barquinho pequenino, foi seguindo, foi sumindo, ninguém sabe onde ele está...

Todos – Zum zum zum
lá no meio do mar...
Zum zum zum
lá no meio do mar!
Meu barco é veleiro
nas ondas do mar.
Esse barco é o primeiro
que eu achei pra navegar.
Oh! yá, yá...

Meu barco é veleiro
nas ondas do mar.
O meu barco tem o cheiro
de jasmim e maracá.
Oh! yá, yá...
Meu barco é veleiro...
Veleiro... veleiro...
Veleiro...

A música vai acabando lentamente.

Cena 4 – A palmeira

Rosa – Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu morreu!
O azar foi teu!

Eles brincam de bater nas mãos. O último inventa um novo jeito de dizer o brinquedo.

João – Anga panga sete panga
Pipinate falasá
Mingô mingô mitingô pique!

Teresa – Pomponeta peta petá perruge
Pomponeta peta petá peti
Mas como sou teimosa
Bato nesta daqui!

Jô – Uma duna tena catena
Saco de pena, vila vilão

- Manoel, João, conta bem
Que vinte são!
- Pedro** – Vaca amarela cagou na panela
Quem falar primeiro
Come toda a bosta dela!
- Todos** – *(riem)*
Vaca preta cagou na gaveta
Quem falar primeiro
Come toda a bosta preta!

Todos fazem o maior silêncio um instante, curtindo a brincadeira.

- Teresa** – *(quebrando o silêncio, meio à parte)*
Tidi mindi pirici bibi sim fili nidi!
- Pedro** – Issim timbim nim pidi fili, cirti?!
- Todos** – *(avançando em Teresa)* Issim timbim nim pidi fili, cirti!!!

Silêncio novamente.

- Paulo** – Epe ApaSSIMPim PopoDepe FapaLÁpa?
- Todos** – Epe ApaSSIMPim PopoDepe FapaLÁpa?
- Pedro** – NãOpão POpoDEpe!!!
- Todos** – NãOpão POpoDEpe!!!

Todos silenciam novamente.

- Rosa** – E assim pode fala?
- Todos** – *(batem palmas no ritmo da fala)*
- Maria** – Batendo palmas pra marca?
- Todos** – *(palmas no ritmo)*

Pedro – Não pode fala de jeito nenhum!

Todos – (*palmas no ritmo*)

Pedro – Psiu!!!

Todos – (*palmas*)

Mais uma vez, silêncio.

João – E assim pode fala?

Todos – Furrum fum fá!

João – Desse jeito que inventei?

Todos – Furrum fum fei!

Pedro – NÃÃÃOOO!!!

Todos – Furrum fum FÃÃÃOOO!!!

Silêncio.

Pedro – (*de repente*) PeUpeMA
pePALpeMEpeIpeRA...!

Todos – peFApeLOU! PeCOpeMEU! PeFApeLOU!
peCOpeMEU!

Pedro – (*indiferente e extasiado*) peUpeMA
pePALpeMEpeIpeRA!!!

Maria – (*também descobrindo*) peUpeMA
pePALpeMEpeIpeRA...

Todos – (*descobrimo, deslumbrados*)
peUpeMA pePALpeMEpeIpeRA...!!!

Entra música.

Saem todos do barco e vão buscar a palmeira. Trazem-na para o centro do palco e formam uma grande roda em torno dela.

(Que a palmeira, como sugestão, seja criada a partir de algum objeto que já se encontrava em cena.)

Cantam:

Todos – Abre a roda, tindolelê
Abre a roda, tindolalá
Abre a roda tindolelê
Oi tindolelê, oi tindolalá...

João vai para o centro da roda, junto da palmeira, e diz um verso.

Música continua no fundo.

João – Se encontrei uma palmeira
o que não encontrarei então?
Quem sabe eu até encontre
o luar do meu sertão!

Todos – Abre a roda, tindolelê
Abre a roda, tindolalá
Abre a roda tindolelê
Oi tindolelê, oi tindolalá...

Maria e Rosa – *(no centro)*
Garrafão tem fundo largo
Botija não tem pescoço
Pedaço de telha é caco
Banana não tem caroço!

Todos – Abre a roda, tindolelê
Abre a roda, etc...

Teresa – Estou presa, meu bem, estou presa
estou presa por um cordão
Me solte, meu bem, me solte
me solte seu coração!

Todos – Abre a roda, tindolelê...

- Pedro** – A velhinha, bem velhinha,
fez xixi na canequinha.
Foi falar para a vizinha
que era caldo de galinha...!!!
- Todos** – Abre a roda, tindolelê
Abre a roda, tindolalá
Abre a roda tindolelê
Oi tindolelê, oi tindolalá...
E carregam a palmeira para o fundo do palco.

Cena 5 – Dos brinquedos

- Jô** – Chiniquero!
(estica o braço com a mão espalmada)
- Todos** – *(correndo)* Primeiro!
Segundo!
Terceiro! etc...
- Jô** – Um, dois, três!

(fecha a mão, prendendo um dos dedos)

O dedo preso é o de Teresa, que vai para o centro em posição de pular a cela. Reclamando, é claro.

- Jô** – Unha na mula! *(pula a cela)*

Todos fazem o mesmo, um de cada vez.

- Jô** – Desarmar espingarda!

Todos repetem.

Sugestões para o brinquedo: escrever carta pra namorada; pular saco de arroz; levar o burrinho pra beber água; seguir o mestre.

Jô – Espingarda sem bala: tátátátátátátátátá!!!!

Todos se jogam no chão, inclusive está na cela.

Jô – Espingarda sem bala: tátátátátátátátátá!!!!

Todos continuam desmaiados no chão, inclusive quem está na cela.

Jô – Ah, é? Também não brinco mais! (*dá as costas como quem vai embora*)

Teresa – Vamos brincar de outra coisa?

Todos se animam, evidentemente enfadados da brincadeira anterior.

Jô – (*voltando-se imediatamente*)

Chiniquero!!!

Todos – Ahhhhhhh!!!! (*raiva por ela querer ser sempre a primeira*)

Entra música.

Todos cantam avançando em Jô.

Todos – Tango tango tango morena
é de carrapicho
Vamos jogar a Jô
na lata do lixo!

Música sobe de tom e continuam avançando.

Tango tango tango morena
é de carrapicho.
Vamos jogar a Jô
na lata do lixo!

Mais uma vez:

Tango tango tango morena
é de carrapicho.
Vamos jogar a Jô
na lata do lixo!

Quando todos estiverem quase pegando-a, ela grita:

Jô – COMO ESTÁ FICA!!!

Todos param estáticos e Jô vai a um canto, tranqüila e, marotamente, pega um banquinho, um chapéu e uma vara de pescar. Se coloca perto deles e começa a cantar. O elenco se olha, apenas com os olhos, irritados.

Jô – Não quero outra vida,
pescando no rio de Jereré

Todos – (*irritados*) De jereré!

Jô – Lá tem peixe bom,
siri-patola, que dá no pé!

Todos – Que dá no pé!

Jô – Quando no terreno
faz noites de luar
e vem a saudade me atormentar
eu me vingo dela, tocando viola
de papo pro ar...

Todos – (*sempre irritados, sem poder se mexer*)
Eu me vingo dela, tocando viola
de papo pro ar...

Terminada a música, Jô se levanta, pega o banquinho e vai se afastando. Quando estiver meio longe, vira-se e fala:

Jô – MANDRAQUE!

Então todos correm para pegá-la. Quando chegam perto, ela propõe:

Jô – Vamos brincar de mês?!

O clima se desfaz no ato. Pedro e Maria já estão cochichando enquanto os outros se sentam. Jô suspira aliviada e senta com eles.

Pedro e Teresa – Que mês?

João – Fevereiro!

Pedro e Teresa – Que mês?

Jô – Agosto!

Pedro e Teresa – Que mês?

Maria – Dezembro!

Pedro e Teresa – Que mês?

João – Abril!

Pedro e Teresa – Cor, flor, fruta ou fantasia?

João – Hum... fantasia!

Pedro e Teresa – Palhaço ou papagaio?

João – Pa... pa... papagaio!

Teresa – Ah... sou eu!

Entra música.

João – (*canta*)
Meu papagaio das asas douradas,
quem tem namorada brinca.

Todos – Meu papagaio!

João – Quem não tem, fica sem nada.

- Todos** – Meu papagaio!
João – Quem me dera... dera... dera...
Todos – Meu papagaio!
João – Quem me dera pra mim só.
Todos – Meu papagaio!
João – Me deitar na sua rede.
Todos – Meu papagaio!
João – Me cobrir com seu lençol.
Todos – Meu papagaio!!!
 Meu papagaio das asas douradas.
 quem tem namorada brinca...

Rufar de caixa. Dividem-se em 2 grupos.

- Grupo 1** – (avançando em direção ao grupo 2)
 Somos três marinheiros na Europa!
Grupo 2 – Que vieram fazer?
Grupo 1 – Combater!
Grupo 2 – Combatam pra gente ver!

Caixa de rufos para manter suspense.

- Grupo 1** – A mãe é verde e a filha é pintada.
Grupo 2 – É bicho?
Grupo 1 – Não!
Grupo 1 – É gente? É comida? É carro?
Grupo 1 – A mãe é eira e a filha é ana.
Grupo 2 – É fruta?
Grupo 1 – É!
Grupo 2 – Goiaba!
Grupo 1 – Não...

Grupo 2 – Banana!!!

O grupo 1 corre e o grupo 2 corre atrás. Pegam um deles, que muda de grupo. A brincadeira retoma.

Grupo 2 – Somos três marinheiros da Europa!

Grupo 1 – Que vieram fazer?

Grupo 2 – Combater!

Grupo 1 – Combatam pra gente ver!

Grupo 2 – A mãe é verde e a filha encarnada.

Grupo 1 – Morango!

Grupo 2 – Não!

Grupo 1 – Não é fruta? É bicho?

Grupo 2 – A mãe é mansa e a filha é danada!

Grupo 1 – Pimenta!!!

O grupo 2 corre e o grupo 1 corre atrás. Pegam-se numa gritaria. Rolam pelo chão, brincando, rindo.

Entra música suave e todos vão se voltando. Pausa. Atrás da palmeira, a lua vem nascendo cheia e bonita. Junto dela, as estrelas vão cobrindo o céu.

Um momento mágico de muita luz.

(Como a palmeira, a lua também deve surgir de algo que já se encontrava em cena. Exemplo: uma bacia, uma peneira, um tambor, etc...)

Cena 6 – A lua e a roda

Pedro – *(canta)*

Lá vem a lua surgindo
por detrás de uma palmeira.

Ela vem toda de branco
pra espiar a brincadeira.
Ai ai ó lua,
Ai ai palmeira,
A vida é tão formosa.
É uma grande brincadeira!

Todos – Ai ai ó lua,
Ai ai palmeira,
A vida é tão formosa.
É uma grande brincadeira!

Formam uma grande roda e brincam, cantando.

Todos – Lá vem a lua saindo
com três estrelas do lado,
a do meio vem dizendo
que a Teresa tem namorado.
Ai ai Teresa, ai ai meu bem,
A vida é tão formosa
Para quem amores tem.
Lá vem a lua saindo
cor-de-prata, cor-de-ouro,
dentro dela há um segredo
quem contar leva um tesouro
de prata e ouro, da cor-do-mar.
A vida é tão formosa
pra quem souber brincar...
Que é de Valentim?
Valentim trás trás.

Que é de Valentim?
É um bom rapaz.
Que é de Valentim?
Valentim sou eu!
Deixa a moreninha
que esse par é meu!
Chora chora chora, morena.
Deixa de chorar, morena.
Põe a mão na cabeça, morena.
Tira, põe na cintura, morena.
Dá um requebrado, morena.
Pisa um sapateado, morena.
Dá a mão pro seu namorado, morena.
Oi, como tem passado?
Olha a pombinha, domine...
Caiu no laço, domine...
Embaraçou, domine...
O nosso amoor...
Olha a pombinha, domine...
Caiu no laço, domine...
Etc...
Ó maná maná
Ó maná sussu
Ó maná que vem do norte
Ó maná que vem do sul
Quem me dera dera dera
Quem me dera dera ainda
Quem me dera dar um beijo

Naquela face tão linda.
João entrou na roda
pra dançar o miudinho.
João entrou na roda
pra dançar o miudinho.
Tirou... (*escolhe alguém*) a Teresa,
vai dançar com ela sozinho
Teresa entrou na roda
pra dançar o miudinho.
Teresa entrou na roda
pra dançar o miudinho.
Tirou... (*escolhe o violão*) uma viola,
vai cantar com ela sozinha

Teresa – Dolilim dolelê...
dolilim dolalá...
Tocando a viola
pra se dançar...

Todos – Dolilim dolelê...
dolilim dolalá...
Tocando a viola
pra se dançar...

No final da música aparece João, nos fundos, cantando sem acompanhamento algum ou somente percussão.

João – Quando a “luma” saí
qui qui laria
Vô pega treis tatu, treis tamanduá!

Todos – Quando a “luma” saí
qui qui laria
Vô pega treis tatu, treis tamanduá!
Arranjo em atabaques, batuques e palmas.

João venda os olhos e durante a canção brincam de “cobra-cega”.

João tenta localizá-los através das palmas. Quando pegar um deles, trocam de lugar e continuam a brincadeira.

Num determinado momento, quando Pedro estiver de olhos vendados, ele vai se distanciando e perde o foco da brincadeira.

Muda a música.

Pedro continua tateando como que perdido, feito cego.

Maria – *(canta)*
Minha mãe acorde
de tanto dormir
Venha ver um cego, vida minha,
cantar e pedir...

Todos – Se ele canta e pede,
dê-lhe pão e vinho,
mande o pobre cego, vida minha,
seguir seu caminho!

Pedro – Não quero o teu pão,
nem quero o teu vinho,
quero só que Aninha, vida minha,
me ensine o caminho.

Maria vai indo ao encontro dele.

Todos – Ande mais, Aninha,
mais um bocadinho.

Pedro – Eu sou um pobre cego, vida minha, não vejo o caminho.

Quando os dois se aproximarem, ela o beija e ele diz seu nome, adivinhando qual atriz faz o papel de Aninha.

Ela retira a venda dos olhos dele, coincidindo com o final da música. Os dois se encontram, de joelhos, na frente do palco. O elenco, que ficou mais atrás, canta:

Todos – Maria, tu vais casar.
Eu vou te dar os parabéns.
Vou te dar uma prenda.
Ai... saia de renda e dois vinténs.

Vão formando uma fila e entregando presentes para ela. Maria termina por ficar toda colorida, muitos véus compridos, grinalda, buquê de flores, etc...

Todos – Maria, tu vais ao baile.
Levas o xale que vai chover.
E depois, de madrugada,
Toda molhada, tu vais morrer...

Ela desmaia, simulando uma morte. Todos se lamentam ao seu redor. Ela, então, abre os olhos e, fazendo uma associação com a morte, propõe a próxima brincadeira:

Maria – Balança caixão!

Todos – *(fazendo uma fila debruçados sobre o colo dela)*
Balança você!

Maria – Dá um tapa na bunda

Todos – E vai se esconder...

*O último da fila pega um dos véus de Maria e se esconde.
Cobre-se com ele, feito uma estátua.*

Todos – Balança caixão!
 Balança você!
 Dá um tapa na bunda
 E vai se esconder...

O último da fila repete a ação do anterior. E assim, sucessivamente, até todos terem saído.

Música entra (São João dararã) e todos cantam em coro angelical.

Maria se levanta, cobre o rosto com um dos véus e começa a procurá-los por entre os panos.

A música é cantarolada em boca quiusa pelas “estátuas cobertas” e os versos da cantiga abaixo são falados.

Teresa – Senhora Dona Sancha,
 coberta de ouro e prata,
 descubra o seu rosto,
 queremos ver sua cara.

Maria – *(tirando o véu)*
 Que anjos são estes,
 que andam me rodeando
 de noite e de dia,
 Padre nosso, Ave Maria?!

Paulo – Somos filhos do conde
 e netos do visconde
 Seu Rei mandou dizer
 Para todos se esconder.

No final da música, que está sendo cantada em coro, Maria tira o véu de um dos atores, descobrindo-o. E todos fazem o mesmo.

Todos – *(cantam, brincando com os panos)*
São João dararão
tem uma flautararauta
quando tocororoca bate nela
e os anjararanjos tocam flautararauta,
tocam tantaratanto aqui na terra.
Lá no centererento da avenidiririda
tem xaropororope, escorregou,
agarrourororou-se em seu vestidirirido,
deu uma preguererega e me deixou.

Fazem uma roda e o ritmo aumenta, até todos caírem no chão.

Lá, lá, lá
lá, lá, lá, lá, lá...

Cena 7 – A velha

João – *(canta)*
Ó sinhá, minha sinhá

Todos – Redondo sinhá,
João – Ó sinhá, minha sinhá.
Todos – Redondo sinhá,
João – Uma história eu vou conta,

(a resposta é sempre feita pelo coro)

– *Redondo sinhá*

De uma *véia* que assusta,
Redondo sinhá,
Ela vem de muito longe
e num tarda pra *chega*.
Redondo sinhá

Entra em cena uma grande boneca. Maluca, feia, grandalhona e também com todas as características que a letra vai sugerindo.

*Brincam com ela durante a canção.
Vão revezando os solos.*

*Oi a véia vem chegado,
Redondo sinhá,
Pareceno orangotango,
Redondo sinhá,
Vem qui nem raposa véia
Disparada atrás de frango,
Redondo sinhá,
Os cabelo dessa véia,
Redondo sinhá,
Todo cheio de carrapicho,
Redondo sinhá,
Óia as perna imbodocada
e os pé cheio de bicho,
Redondo sinhá,
Óia a língua dessa véia,
Redondo sinhá,
Que parece maritaca,
Redondo sinhá,*

E tem muito mais veneno
que uma cobra jararaca,
Redondo sinhá,
Óia a véia quando anda,
Redondo sinhá,
Vai trotano pela estrada,
Redondo sinhá,
Vai varreno os caminho
é uma saia esfarrapada,
Redondo sinhá,
Pois a *véia* quando canta,
Redondo sinhá,
Óia só que trapaiada,
Redondo sinhá,
Vai rinchano, *vai ringuindo*
cum voz desafinada,
Redondo sinhá,
A *véia* quando namora,
Redondo sinhá,
Cuns óio de jacaré,
Redondo sinhá,
Põe os *véio* pra *corre*
E os mocinho dão no pé,
Redondo sinhá,
Essa *véia* é muxibenta,
Redondo sinhá,
com cara de jenipapo,
Redondo sinhá,

Bole tanto com a cabeça
que *inté* balanga o papo,
Redondo sinhá,
Essa *véia* é danada,
Redondo sinhá,
Pois com ela ninguém pode,
Redondo sinhá,
Com seu bigode de *hôme*
tem barbicha que nem bode,
Redondo sinhá,
Ó sinhá, minha sinhá,
Redondo sinhá,
Ó sinhá, minha sinhá,
Redondo sinhá...

A velha sai de cena e pelo lado que ela sai ouve-se uma explosão, fumaça e luzes piscando.

Cena 8 – Uma parlenda

Os atores vão, outra vez, revezando o canto.

- Meus senhores, eu sou a bota
meu senhores, eu sou a bota
que passa a vidinha fazendo batota...
- Meus senhores, eu sou a corda
meus senhores, eu sou a corda
que amarra a bota
que passa a vidinha fazendo batota...

- Meus senhores, eu sou o gato
meus senhores, eu sou o gato
que agarra o rato que róí o sebo,
que enseba a corda que amarra a bota
que passa a vidinha fazendo batota,
- Meus senhores, eu sou o cão
meus senhores, eu sou o cão
que pega o gato, que agarra o rato,
que róí o sebo, que enseba a corda,
que amarra a bota,
que passa a vidinha fazendo batota...
- Meus senhores, eu sou o pau
meus senhores, eu sou o pau
que dá no cão, que pega o gato
que agarra o rato, que róí o sebo,
que enseba a corda, que amarra a bota,
que passa a vidinha fazendo batota...
- Meus senhores, eu sou o homem
meus senhores, eu sou o homem
que pega o pau, que dá no cão, que pega o gato,
que agarra o rato, que róí o sebo,
que enseba a corda, que amarra a bota,
que passa a vidinha fazendo batota...
- Meus senhores, eu sou a morte
meus senhores, eu sou a morte
que leva a vida, que leva o homem,
que pega o pau, que dá no cão,
que pega o rato, que agarra o rato,

que rói o sebo, que enseba a corda,
que amarra a bota,
que passa a vidinha fazendo batota...

Durante o último trecho da música (que deve ter um arranjo diferente dos outros), a lua e as estrelas vão se apagando lentamente. Quando a música terminar, todos olham para trás e compreendem que devem partir.

Cena 9 – O caminho de volta

Música, introdução.

Pedro – Adeus, palmeira encantadora,
Tem pena do meu sofrê,
tem pena de quem te ama.
Adeus, palmeira,
de saudade vou morrer...

Todos – Adeus, palmeira, encantadora,
tem pena do meu sofrê,
tem pena de quem te ama.
Adeus palmeira,
de saudade vou morrer...

Durante a canção, vão desmanchando o cenário: o barco vai novamente se transformando em prédios.

Quando o cenário estiver pronto, como no início do espetáculo, os atores cantam por entre os prédios.

Rosa – Estou presa, meu bem, estou presa,
estou presa por um cordão.

Me solte, meu bem, me solte.
me solte, meu coração.

Todos – Estou presa, meu bem, estou presa,
estou presa por um cordão.
Me solte, meu bem, me solte,
me solte, meu coração.

*Durante a música vão intercalando-se alguns sons de sirenes
ou coisa parecida, que vão crescendo até cobri-la totalmente.*

Os atores juntam-se na frente do palco.

Cena meio escura. Estão tristes. Fazem uma pequena fogueira.

Pausa. Olham para o céu.

Entra música bem lenta, quase só acordes.

Maria – *(canta quase chorando)*
Lá vem a lua saindo,
cor-de-prata, cor-de-ouro,
dentro dela há um segredo,
quem contar leva um tesouro
de prata e ouro, da cor-do-mar...
a vida... é tão formosa...

(abraça alguém, chorando)

quando a lua vem brincar...

Música cresce, em solo instrumental. O fogo apaga-se.

Cena 10 – A canção

Os atores revezam as falas.

– E se a gente aumentasse a fogueira?

- Acendesse um milhão de lanternas,
- velas,
- lampiões...
- E fizesse um clarão imenso que *alumiasse* o céu,
- até descobrir onde “ela” se esconde...?
- E se a gente rodasse...?
- E brincasse de novo?
- E gritasse tanto e tão alto, que o barulho chegasse até o céu...
- Pra descobrir onde “ela” dorme...?
- E SE AGENTE SOPRASSE???!!!

Todos vão se levantando, espalhados pelo palco, soprando o ar, como que para varrer as nuvens, até descobrir onde “ela” dorme e se esconde.

Entra música no fundo.

João – *(entre os sopros)*

Boca de forno!

Todos – *(sempre por entre os sopros)*

Forno!

João – Tirar um bolo!

Todos – Bolo!

João – Fareis tudo o que o mestre mandar?

Todos – Faremos todos com muito gosto!

João – Eu mando que me tragam... *a canção!*

Todos cantam. A princípio, receosos, timidamente...

- Por mim não, borboleta,
você pode avoar...

Ainda por entre os sopros.

- Por mim não, borboleta,
você pode avoar...

Agora, crescendo.

- Por mim não, borboleta,
você pode avoar...

A lua, acompanhada de estrelas, vem surgindo por cima dos prédios.

Uma lua cheia e bonita num céu metropolitano.

Momento mágico de muita luz.

Música sobe.

- Por mim não, borboleta,
você pode avoar...
- Por mim não, borboleta,
você pode avoar.

Avoar recebeu os seguintes prêmios. APCA, de melhor música. INACEN, como um dos 5 melhores espetáculos do ano. GOVERNADOR DO ESTADO, de melhor música. MAMBEMBE, de melhor autor e melhor música. APETESP, de melhor espetáculo, melhor autor, melhor diretor, melhor música, melhor atriz (Ana Maria de Souza), melhor produção, melhor produtora executiva (Valnice Vieira).

Bibliografia

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <i>Canta Brasil</i> | – Vicente Aricó Jr. |
| <i>Os jogos infantis e as cantigas de roda</i> | – Saul Alves Martins |
| <i>Cantos populares do Brasil</i> | – Silvio Romero |
| <i>Música popular brasileira</i> | – Oneyda Alvarenga |
| <i>Brincando de roda</i> | – Íris Costa Novaes |
| <i>Santa Catarina canta</i> | – Aldo Krieger |
| <i>20 canções famosas do Brasil</i> | – Milton Calazans |
| <i>Curso de folclore musical</i> | – José Teixeira D' Assumpção |
| <i>100 melodias folclóricas</i> | – Alceu Maynard Araújo e Aricó Júnior |
| <i>Achegas ao folclore musical do Brasil</i> | – Nicanor Miranda |
| <i>Roteiro de Macunaíma</i> | – M. Cavalcanti Proença |
| <i>Cantos infantis</i> | – Yolanda de Quadros Arruda |
| <i>Canções populares do Brasil</i> | – Jacinto R. dos Santos |
| <i>Cantigas que já cantei</i> | – João da Silva Tavares |
| <i>Cantos e contos</i> | – Belmiro de Barros Braga |